

Vídeomontagem e discurso humorístico: uma leitura discursiva

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo¹

No presente artigo, temos como objetivo realizar uma breve discussão sobre a expansão do conceito de heterogeneidade enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz (1990) já que ele constitui uma importante ferramenta conceitual para constatar a relação do discurso com os seus “Outros” constitutivos. Nas proposições da estudiosa, encontramos a idéia de que uma só voz é substituída por comprovações que mostram que há outras vozes que falam e essas vozes se mostram por uma heterogeneidade constitutiva ou por uma heterogeneidade mostrada marcada ou não-marcada. Todavia, quando se trata de um Outro satírico, que é trazido para o fio do discurso, acreditamos que a noção da autora possa ser expandida e pensada enquanto heterogeneidade dissimulada. Para isso, tomamos como nosso material de análise a vídeomontagem intitulada *Lula o analfabeto*² postada no YouTube³ e caracterizada como *humorística*.

O Sujeito e seus Outros

Para abordar a noção de heterogeneidade enunciativa tratando do sujeito e do seu discurso, a autora se sustenta sob dois grandes pilares. O primeiro é a concepção bakhtiniana de dialogismo, ou seja, o discurso como produto de interdiscursos. O sujeito ilusoriamente se coloca como fonte de sentido que se comunica por intermédio da língua; entretanto, toda fala é determinada pelo exterior, pois “(...) Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26), todas elas estão carregadas dos sentidos adquiridos durante toda sua existência. O segundo é uma releitura lacaniana de Freud, que aborda o sujeito e sua relação com a linguagem nos moldes da psicanálise, nos quais o discurso é atravessado pelo inconsciente –, assim, o sujeito é dividido, não uno, e a sua fala constitutivamente é heterogênea.

A essência da constituição da heterogeneidade enunciativa está centrada no interdiscurso, pois o *exterior* regula o funcionamento da produção do discurso, sendo estes instrumentos ignorados pelo sujeito que, numa ilusão, acredita ser a fonte de seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte, o efeito (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Authier-

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: limenossi@hotmail.com

² Este artigo faz parte das reflexões desenvolvidas no projeto de pesquisa: “Apontamentos para uma história de campanhas políticas presidenciais brasileiras (1998-2006): uma análise discursiva de textos multimodais”, apoiado pelo CNPq.

³ www.youtube.com.br

Revuz (2004) expõe que o conceito de heterogeneidade enunciativa comporta duas concepções: a de *heterogeneidade constitutiva* e a de *heterogeneidade mostrada*, ambas implicando a presença do outro na produção do discurso.

Deste modo, a idéia de que há uma só voz é substituída por comprovações que manifestam que há outras vozes que falam não só antes independentemente em outro lugar, mas no fio do discurso mesmo. Essas vozes se mostram por uma *heterogeneidade constitutiva* que não possui marcas na superfície do discurso que a caracteriza, todavia, ela pode ser trazida pelo interdiscurso e pelo dialogismo, se considerarmos que o discurso é heterogêneo, com uma diversidade de outros discursos. O que Authier-Revuz denomina de heterogeneidade constitutiva é uma presença velada da fala do outro no discurso que se enuncia, criando a ilusão de que o sujeito é a origem do seu enunciado, com raízes no inconsciente.

A autora lembra a afirmação de Freud de que a “ilusão do eu” propicia ao sujeito uma ilusão de que o seu discurso tem origem centrada em si mesmo e que é a fonte da sua enunciação, pois “nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para a lingüística, esquecer”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

O locutor, quase sempre, ignora a heterogeneidade presente em seu discurso e acredita ser o criador de sua enunciação. Assim, quando o sujeito se mostra como o centro da enunciação, crendo que ele é a fonte única de seu discurso, não há a lucidez de que o seu discurso nada mais é do que uma possibilidade discursiva, oriunda do momento histórico e do espaço em que vive e produz sua enunciação. “Dessa forma, todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69). Nesse enfoque, vemos que a heterogeneidade constitutiva prediz um sujeito “que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28), reiterando a idéia bakhtiniana de que o sujeito não é a fonte primeira de sua enunciação.

A outra forma básica de heterogeneidade enunciativa é conhecida por se deixar ver com mais clareza, pelo seu caráter de não “ocultamento”. Trata-se da *heterogeneidade mostrada* que traz o outro para a cadeia discursiva – por meio da análise, esse “outro” pode ser recuperado de maneira explícita. Ela tem como característica não somente a presença do discurso do outro no discurso do locutor, mas também a percepção por esse locutor dessa presença e o desejo de que ela seja percebida. Todavia, ela pode não se apresentar com marcas visíveis em um discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990), mesmo conscientemente produzida pelo sujeito, podendo assim constituir-se de duas formas: marcada e não-marcada.

A heterogeneidade mostrada marcada é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística, ocorre quando o sujeito, além de perceber a presença do outro em

sua fala, opta por deixar claro que é o outro que está falando, e assim o faz por meio de marcas, tais como: citações, discurso direto, as palavras entre aspas, itálicos e outros recursos.

Portanto, quando o sujeito da enunciação utiliza-se da forma marcada da heterogeneidade mostrada, indicando claramente que há um outro discurso inserido no seu, temos uma posição denominada *antonímia simples*, que se trata de exibir o discurso citado como algo exterior ao discurso que cita. Nesse caso, o locutor utiliza-se, por exemplo, de termos metalingüísticos que possam marcar a delimitação do discurso na cadeia discursiva.

Além da heterogeneidade mostrada marcada, o sujeito da enunciação pode ser levado a utilizar uma heterogeneidade posta de forma não-marcada e isso ocorre quando o locutor, mesmo mencionando o discurso do outro, integra-o à cadeia discursiva, ela está na ordem do discurso, sem visibilidade, numa continuidade sintática, embora remetendo seu sentido ao exterior, sendo esta posição chamada de *conotação autonímica*. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29) Temos um estatuto complexo, uma forma mais arriscada de negociação com a heterogeneidade constitutiva, que só pode ser identificado com base em índices textuais diversos - como o discurso indireto livre, a ironia, metáforas e jogos de palavras - ou com a participação dos conhecimentos histórico-culturais do interlocutor, isto é, “a partir de índices recuperáveis no discurso em função de seu exterior”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.18)

Sobre a relação entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, Authier-Revuz (1990, p.32) acentua que

(...) representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição.

Não se trata de assimilar um ao outro, nem de imaginar um relacionamento simples, de imagem de tradução, nem de projeção de um no outro; essa relação de correspondência direta é interdita tanto porque ela faria supor uma transparência do dizer em suas condições reais de existência quanto pela irredutibilidade manifesta das duas heterogeneidades. (...)

Interincompreensão regrada

Segundo Dominique Maingueneau (2007), devemos apreciar o espaço discursivo como uma *rede de interação semântica* onde podemos encontrar diferentes *posições enunciativas* que possibilitam o ato de enunciar por meio de sua formação discursiva. Esse processo simultâneo de enunciações que se constroem de formações discursivas diferentes faz emergir um *desentendimento recíproco*, deste germina a idéia de que os enunciados do Outro só são entendidos quando trazidos para interior do *fechamento semântico do*

intérprete, isto é, o discurso não pode ser tomado tal como foi enunciado pelo Outro, mas sim no *simulacro* que se constrói sobre ele.

Os semas que constituem a grade definidora do discurso do intérprete ou do sujeito Outro estão divididos em dois registros: o registro dos semas positivos, reivindicados pelo discurso, e o dos semas negativos, rejeitados por aquele discurso. Entendemos que enunciar é estar em acordo com uma posição discursiva e ao mesmo tempo rejeitar a outra. Em suma, o discurso do intérprete se constitui a partir de uma *interincompreensão regrada* do discurso do Outro que erige de um *simulacro* criado pelo próprio intérprete que produz seu discurso com o escopo de descaracterizar o Outro criando uma relação de *polêmica* (MAINGUENEAU, 2007).

Ainda considerando os estudos de Authier-Revuz sobre heterogeneidades enunciativas, Maingueneau corrobora com a categoria de heterogeneidade sob a forma de *simulacro*, isto é, como o discurso do Outro é trazido para o discurso do Mesmo. Contudo, o Mesmo não traduz o discurso do Outro, mas o seu avesso, aquilo que ele nega para se constituir. Nas palavras do autor,

o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de *interincompreensão* regrada. Cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do “simulacro” que dele constrói (MAINGUENEAU, 2007, p.22).

Para o autor já citado (2007, p.108), cada formação discursiva terá um caráter próprio para de interpretar seu Outro, em virtude disso, em um processo de interação não serão as línguas que construíram as fronteiras, mas as formações discursivas dos intérpretes.

Nosso material de análise possibilita a construção da *polêmica como interincompreensão regrada* já citada acima visto que é o sujeito que constrói o seu discurso ao tomar o discurso do “Outro” e, ao mesmo tempo, possa evidenciar o que deveria ser corrigido naquele discurso “Outro” que não é dele. Ao tomar esse discurso Outro por meio da sua formação discursiva criando um *simulacro* do discurso do Mesmo e levantando uma relação de polêmica. Baronas e Kosciureski acrescentam:

No caso específico da heterogeneidade dissimulada é possível evidenciar a existência de um enunciado sobre o simulacro de um enunciado. Simulacro esse que é construído a partir de uma “não compreensão” dos enunciados do Outro. Em outros termos, a heterogeneidade dissimulada constrói o outro a partir de seu interdiscurso (2006, p. 240).

***Lula o analfabeto* e heterogeneidade dissimulada: uma breve análise**

A vídeomontagem intitulada *Lula o analfabeto* é constituída por recortes da fala do presidente Lula que são intercalados por slides nos quais aparecem discursos derrisórios⁴ – estes, por sua vez, se utilizam da linguagem escrita, das cores e do som. São 33 slides que estão inseridos entre seqüências de imagens que são constituídas por recortes do debate eleitoral realizado pela TV Bandeirantes para o segundo turno no dia 8 de outubro de 2008. Cada slide permanece por cerca de quatro segundos, sendo o tempo total da vídeomontagem quatro minutos e quarenta segundos. Após cada edição de enunciado *mal formulado* ou *mal pronunciado* pelo então candidato, soa uma suposta “campainha”, o que sugere a inserção do discurso na configuração de um *Quizz Show* (programa de perguntas e respostas em que os acertos valem prêmios e os erros “desclassificam” o participante).

Os discursos que figuravam na vídeomontagem foram transcritos – os do Lula e os derrisórios –, sendo os do Lula caracterizados pela desqualificação por meio do humor e dos “erros de português” hipoteticamente cometidos pelo candidato a reeleição em um dos últimos debates. Desse modo, optamos por transcrever o discurso do candidato e descrever as orientações interpretativas do discurso do enunciador primeiro, visando a não provocar outros possíveis discursos derrisórios, já que, em muitos recortes, determinados sons produzidos pelo sujeito Outro – Lula – não nos parecem tão nítidos. Assim, não enfocaremos a fonética dos enunciados proferidos por Lula, mantendo a ortografia original das palavras.

Inicialmente, é possível dizer que se estabelece uma relação de polêmica na vídeomontagem apresentada já que o discurso construído publicamente baseado no erro cometido pelo discurso oponente – o de Lula – infringiu regras supostamente inaceitáveis (MAINGUENEAU, 2007).

1. E1⁵: ESCORREGADAS (O fundo do slide é preto, letras brancas, tudo em caixa alta) (00:01)

2. E2: “o seu Ministro da Fazenda ir todo ano a Washington pegar dinheiro para fechar as contas” (00:02 – 00:06)

(Neste primeiro recorte do discurso de Lula⁶ no debate na TV Bandeirantes, ele aparece vestido de terno e gravata, no fundo do vídeo há um painel azul com algumas letras brancas, não está nítido, mas se pode inferir – já que está configuração se repete dos slides subseqüentes – que se trata das palavras *economia* e *justiça*.)

⁴ Nos dicionários, o termo derrisão significa: ironia, escárnio, zombaria. O termo derrisório é colocado como aquilo que é dito ou feito pela derrisão e é associado ao ato ridículo, vão. A partir disso, verifica-se que ela é tida como o ato de expressar o ridículo, acentuar o que é insignificante, por isso é diferente do engraçado ou do simples humor – seu objetivo principal é – de maneira incisiva – descaracterizar o alvo (MERCIER, 2001, p.9).

⁵ E1: Produtor da vídeomontagem E2: Lula

⁶ Nos demais slides, a descrição das vestimentas e do plano de fundo é a mesma, quando esta configuração mudar em algum slide será feita a descrição detalhada.

Logo abaixo no canto esquerdo do vídeo, há o símbolo da TV Bandeirantes e a indicação de que o debate está sendo transmitido *Ao Vivo*).

Soa a campainha

E1: Faltou um “esse” (00:07)

[referência à suposta inexistência do som da letra *s* para formar o plural da palavra *conta*]
(Escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto)

Logo no primeiro slide, *Escorregadas*, é possível identificar a construção de sentido que se pretende; isto porque podemos entender que o atual presidente cometeu alguns “deslizes”, “escorregou”, “errou” e este sentido se completa quando lemos o slide e logo ouvimos o som da primeira campainha. Quais “escorregadas”, quais “erros” cometeu o presidente?

O “Lula é um analfabeto”, é a afirmação que vigora como pano de fundo e título da vídeomontagem; já que, logo no primeiro slide, encontramos inscrito na materialidade lingüística a palavra *Escorregadas* que permite num gesto de interpretação entender que ele cometeu “erros” em torno do uso da língua portuguesa e isso é confirmado logo na seqüência dois que evidencia a suposta ausência da letra *s* indicadora do plural e que deveria estabelecer a concordância nominal com o artigo *as* como rege a norma culta da língua.

Há, neste caso, o objetivo de desqualificar Lula mostrando que ele infringiu algumas normas estabelecidas pela sociedade e, ao mesmo tempo, é também suprimido o direito dele se manifestar em sua própria defesa. Toda a sociedade concorda em um ponto – devemos utilizar a língua em conformidade com a norma culta – criando uma convergência predominante que é desestabilizada por uma divergência criada pela polêmica levantada. Esta polêmica que se fundamenta em um *código* compartilhado pelos dois discursos divergentes – o presidente deve utilizar sempre a norma culta da língua – que delimita o que seria certo e o que seria errado; esse *código* funcionaria como um juiz em uma disputa (MAINGUENEAU, 2007, p.115).

Portanto, condição de existência é a polêmica para o discurso que polemiza ao se constituir e também nasce da mutação de outros discursos em um processo de interdiscursividade supondo assim uma incompreensão que aduba o terreno para a *interincompreensão* que será implantada pelo processo de tradução. É, desta maneira, que acontecerão as relações interdiscursivas por meio de interações semânticas dentro dos espaços discursivos como processos de traduções de formações discursivas gerando discursos constituídos da *interincompreensão regrada*. Vejamos isso na vídeomontagem:

8. E2: “a cada mês tem dezenas de tumultos” (00:33 – 00:36)

(Diferente da maioria dos slides, neste Lula divide a imagem com seu oponente Geraldo

Alckimin. Isto porque a Rede Bandeirantes focaliza cada candidato e depois monta a imagem com os dois, Geraldo do lado direito do monitor e Lula do lado esquerdo, os dois trajados de terno e gravata, sendo os ternos escuros, as camisas claras, todavia a gravata de Lula é vermelha e a de Geraldo amarela. No canto inferior esquerdo, há o símbolo da Rede Bandeirantes com a indicação que estão transmitindo *ao vivo*).

Soa a campanha

E1: dezena de tumultos, eu ouvi bem? (00:33-00:39)

[suposta inexistência do *s* em *dezenas*]

(Escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto)

[...]

10. E2: “*são 74 hospitais que estão sendo reformados pelo governo*” (00: 51 – 00:55)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campanha

E1: mais um “*S*” foi pro çaco!!! (00:51-00:59)

[suposta inexistência do *s* em *reformados*]

(Escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto, todavia a letra *s* é redigida em caixa alta)

O produtor da vídeomontagem (E2) toma do discurso de Lula (E1) ao recortar sua fala e inseri-la na vídeomontagem, ele introduz o Outro em seu fechamento; em seguida, traduz seus enunciados na categoria do Mesmo (“*dezena de tumultos, eu ouvi bem?*”) e (“*mais um “S” foi pro çaco!!!*”) e há a construção de um *simulacro* sobre o que Lula disse. Assim, o sujeito produtor da vídeomontagem constrói seu discurso ao tomar o discurso do “Outro” – Lula – e, ao mesmo tempo, evidenciar o que deveria ser corrigido naquele discurso “Outro” que não é dele; acreditamos que se trata de um caso de heterogeneidade dissimulada (MAINGUENEAU, 2007, p.22).

Além disso, dentro do contexto do referido debate ao qual remete a vídeomontagem, é bastante provável que os supostos “erros de português” do então candidato não tenham sido reconhecidos pelo espectador, já que o relevante deveria ser a mensagem política, dado o quadro de disputa eleitoral. Observa-se que, para que se produza o humor, é preciso que produtor da vídeomontagem recorte e descontextualize os enunciados, além de inserir – ao final de cada recorte – enunciados outros que induzam a interpretação cômica e produzam o riso no receptor dos discursos.

Na exibição do vídeo, Lula se utiliza da variação oral da língua – que, além de ser distinta da variação escrita, dado que a pronúncia altera alguns sons de palavras, se assemelha à linguagem informal – e produz o que parece não se tratar de um discurso previamente elaborado; ao contrário, o enunciado aparenta ser espontâneo, produto de uma

réplica ou tréplica, quando o candidato deve defender-se de possíveis acusações do discurso adversário. Desse modo, o produtor da vídeomontagem, além de recortar e editar determinados enunciados, ignora algumas variações fonéticas e evidencia outras – mais especificamente, tende a focar a elisão da letra *s* na formação do plural. Como nas seqüências 27 e 29 abaixo:

27. E2: “*que tantas outras empresas foram vendidas*” (03:45 – 03:47)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campanha

E1: ÔÔÔPPAAAA!!! Faltou um “S” aqui. (03:47-03:52)

[referente à palavra *vendidas*]

(Escrito em letras brancas com fundo preto, a expressão ÔPA e a letra S em caixa alta)

[...]

29. E2: “*e isso acontece com os grandes projetos de desenvolvimento*” (04: 02 – 04:05)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campanha

E1: ele fez GRANDES PROJETO, tá tudo no papel!!! E o “S” também... (04:06-04:10)

[referente a expressão *grandes projetos*]

(Letras brancas em fundo preto e GRANDES PROJETO e S em caixa alta)

No entanto, em alguns recortes, ao isolarmos o discurso do produtor da vídeomontagem e ater-nos ao discurso de Lula, notamos que não existe – ou não é evidente, devido ao recorte da edição – a referência à falta do citado som, ou ainda, que a edição não permite ao espectador encontrar, por si só, o “desvio” de norma que o produtor pretende orientar com seu discurso, após “soar a campanha”.

Na seqüência três, o enunciado “mas como nós somos vítimas” não nos permite perceber se há/houve tempo para uma possível articulação da letra *s*, já que seu recorte se dá imediata e bruscamente após a pronúncia da sílaba “ma”, de “vítima”; neste momento, *soa a campanha* e materializa-se na tela, em letras brancas sobre um fundo negro, o enunciado “faltou outro ‘esse’”.

3. E2: “*mas como nós somos vítimas*” (00:08 – 00:09)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campanha

E1: faltou outro “esse” (00:10-00:11)

[suposta inexistência do *s* em *vítimas*]

(Escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto).

O enunciado da seqüência seis, “esses ministros cometeram erro”, também é bruscamente interrompido com o som da campainha e a materialização do enunciado “lá se foi outro ‘esse’”. A indução da interpretação impede a aceitação da *validade* de um enunciado que segue a norma culta da língua, visto que, neste caso, o sujeito e o predicado plural podem ser acompanhados de objeto em singular – é possível interpretar também na mesma seqüência a idéia de que os ministros tenham cometido um único erro, em conjunto. Ademais, por haver descontextualização, não se pode reconhecer a hipótese de que entre o verbo e o objeto possa haver artigo definido ou indefinido: a contextualização permitiria reconhecer o respeito ou o desvio da norma lingüística.

6. E2: “*esses ministros cometeram erro*” (00:25 – 00:26)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campainha

E1: lá se foi outro “esse” (00:27-00:28)

[supõe-se que deve haver a existência da palavra *erro* no plural]

(Escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto)

Semelhante processo se dá na seqüência 23, “de todos os crimes de quadrilha”, em que o discurso do produtor da vídeomontagem orienta (“notaram???” faltou um ‘S’) a condição do plural da palavra *quadrilha* para a sua aceitação na norma culta, quando a mesma permite a articulação de uma locução adjetiva que caracterize um substantivo no plural. Nesta orientação interpretativa das seqüências acima, o sujeito constrói uma heterogeneidade dissimulada embasada numa interincompreensão regrada produzida a partir da construção de um simulacro que afirma a falta do s nos enunciados.

23. E2: “*de todos os crimes de quadrilha*” (03:13 – 03:14)

(Apresenta a mesma configuração do segundo slide)

Soa a campainha

E1: notaram???, faltou um “S”!!! (03:15-03:18)

[supostamente na palavra *quadrilha*]

(Escrito em letras brancas com fundo preto)

Essa insistente afirmação de que faltam “esses” no discurso de E2 dá o tom humorístico dos enunciados do sujeito produtor da vídeomontagem e traço um percurso de efeitos de sentido que resgata uma memória discursiva da identidade do candidato, associando-a a determinados adjetivos de desqualificação como: analfabeto, ignorante,

inculto. Estas associações fazem funcionar a relação entre as noções de ignorância lingüística e incapacidade de bem governar o país – o que culmina em uma das últimas materializações do enunciado do produtor da vídeomontagem (desta vez, após toda a edição de imagens e verbalizações de E2) que evidencia os efeitos de sentido pretendidos: “ou a gente acaba com o ‘S’ nesse país ou a gente acaba com o LULA”.

O sujeito produtor da vídeomontagem constrói o Outro (E2-Lula) a partir de um interdiscurso que associa a falta do s à falta de competência; é esse percurso que ele constrói durante toda a vídeomontagem para fundamentar o efeito de sentido que se pretende, isto é, o fato do candidato não utilizar corretamente a forma plural, a concordância e portanto os *esses* não o atribui competência para governar o país.

32. E1: ou a gente acaba com o “S” nesse país
ou a gente acaba com o LULA (04:33-04:36)
(Letras pretas com fundo vermelho)

Portanto, considerando que a polêmica está na descaracterização do candidato por meio da utilização que ele faz da linguagem, não se trata de desfigurar suas propostas ou plano de governo, mas o escopo é associar incompetência lingüística a uma incompetência política. Tal recurso, contudo, é trazido sutilmente para o fio do discurso do Mesmo que estamos hipotetizando como uma forma de heterogeneidade dissimulada que erige de um simulacro construído por E1 – produtor da vídeomontagem – sobre o discurso produzido por E2 – Lula.

Trata-se de uma heterogeneidade dissimulada, visto que o discurso do E1 se sustenta no alhures, em algo que foi pensado antes independentemente em outro lugar. E é justamente esse alhures que autoriza a descaracterização do discurso do E2. É como se o E1 fosse um mero porta-voz do interdiscurso. Interdiscurso esse que além de sustentar, autorizar o discurso de E1, o protege da responsabilidade pela sua enunciação.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

----- Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.

BARONAS, R. L.; KOSCIURESKI, M. B. S. Observações sobre a textualização do “sic” no discurso político: marcas de derrisão. In: NAVARRO, P. (org.) *Estudos do Texto e do Discurso*. São Carlos, Claraluz, 2006.

Lula o analfabeto. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=oSYv6RMraLQ> Acesso em 26 de novembro de 2008.

MAINGUENAU, D. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2007.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1997.

MERCIER, A. Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs. (Introduction) In: *HERMÉS – Revue. Dérision – contestation*, nº29, CNRS, Éditions, 2001.